JULIO DANTAS

D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5, Largo de Camões, 6

1902

D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA

Comédia em um acto, representada pela primeira vez no theatro D. Amelia, em 31 de maio de 1902

THEATRO DE JULIO DANTAS

O que morreu d'amor (1899) — Edição esgotada.
Viriato Tragico (1900).
A Sevéra (1901).
Crucificados (1902).
A Ceia dos Cardeaes (1902) — 5.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902).

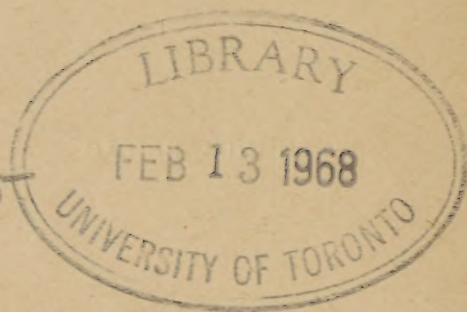
JULIO DANTAS

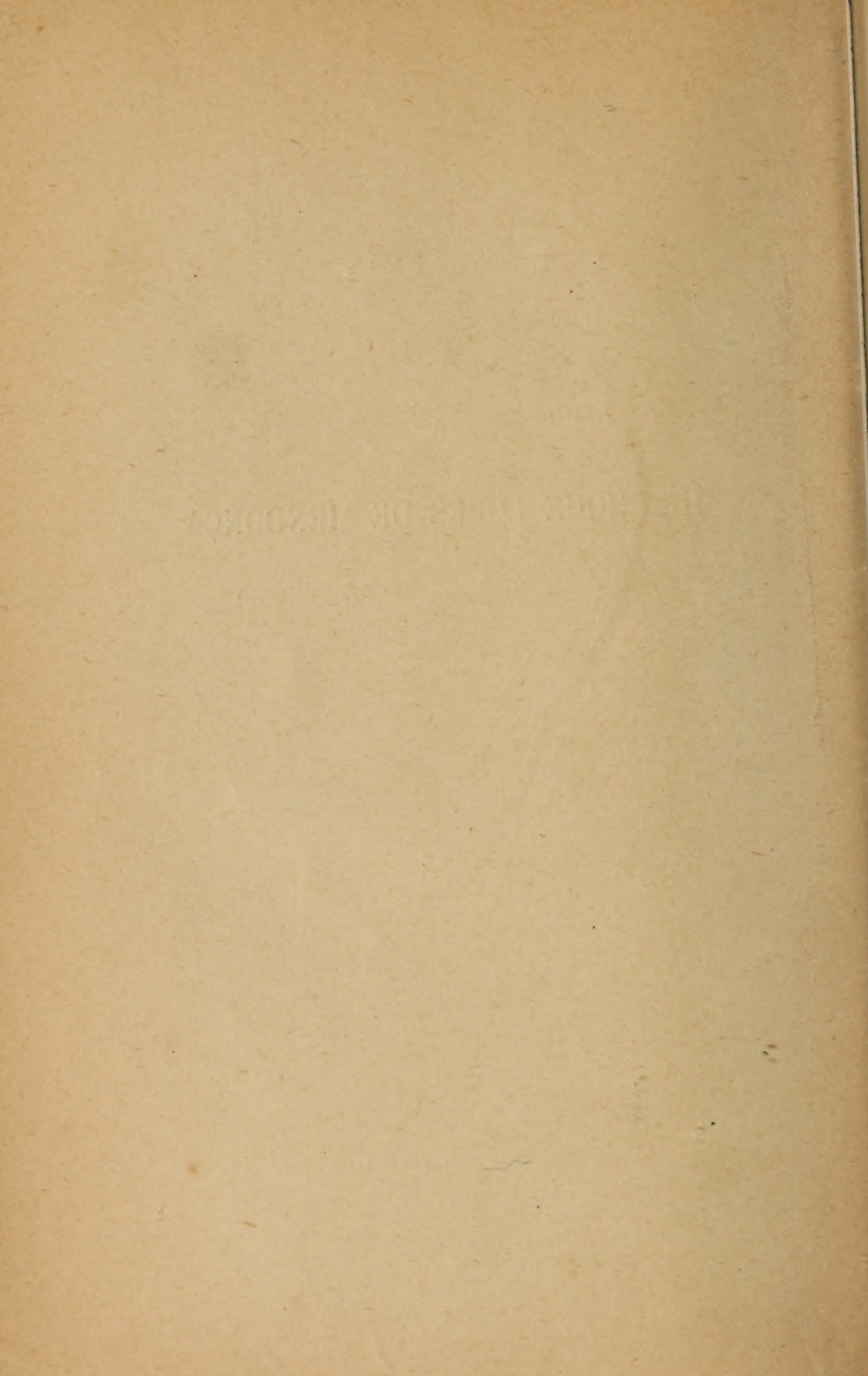
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA

COMÉDIA INGÉNUA, AO GOSTO DO SÉCULO XVII

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5, Largo de Camões, 6

1902

A

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

FIGURAS

D. Beltrão de Figueirôa . . .	CHRISTIANO DE SOUSA.
O Marquez, primo de *Celiména* .	CHABY PINHEIRO.
D. Frei André	HENRIQUE ALVES.
Celiména, preciosa	LUCILIA SIMÕES.
Dorothéa, dueña	LUCINDA SIMÕES.

Em casa de *Celiména*.—Século XVII.

D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA

Um interior fidalgo do século XVII. — Tapeçarias. Pinturas sacras. — Bufete. Livros. — Tamboretes. — Velhas faianças hespanholas. — Na sombra, a nota sevéra d'um grande armario hollandez. — A meio da scena, uma enorme cadeira fradesca, d'alto espaldar de couro lavrado. — Sobre um pequeno escâno, nas dobras d'um velho damasco amarello, um cofresinho de prata. — Um violoncello. Um violino.

CELIMÉNA, *sentada ao bufete, a lêr, entre livros.* — DOROTHÉA, *ao fundo, sósinha, ensaiando os passos d'uma pavana real.*

CELIMÉNA, *declamando, com solemnidade*

Liquisse Parnassum et juga frondea
Phœbum et sorores cerno Heliconides...

DOROTHÉA, *atravessando a scena em passinhos de pavana*

Menina?

CELIMÉNA

Não é comtigo. *(Voltando-se e vendo Dorothéa a dançar)* Que estás tu a fazer?

DOROTHÉA

São os passos da pavana, que a menina me ensinou. *(Segurando as ilhargas da saia, em pulinhos cómicos)* Primeiro este pé... Depois este... Muita graciosidade... A cabeça alta... *(Dançando e acompanhando-se, n'um velho estylo de pavana)*—*Tra-la-ra*... *Tra-la-ra*...—Pois não é assim, menina?

CELIMÉNA, *distrahida, lendo*

É.

DOROTHÉA

Se o primo marquez quizésse dançar hoje commigo...

CELIMÉNA, *embevecida na leitura*

Phœbum et sorores cerno Heliconides...

—Como isto é bello, Dorothéa! Tu não percebes... Mas é do melhor poeta da Academia dos Singulares...

DOROTHÉA, *desvanecida, olhando* CELIMÉNA

O que a menina sabe! Até sabe latim! Se fosse minha filha, era coisa que não lhe tinha ensinado... Jesus! Lá diz o outro: «Mulher que sabe latim, e...»

CELIMÉNA, *gravemente*

A mulher déve saber tudo o que os homens sabem.

DOROTHÉA, *tapando a cara, n'um sincéro pudor*

Ai, crédo, menina! Não diga isso diante de gente! Tudo...? Oh! Oh! — Lá cantar... E tocar harpa... E rabéca... Dançar o minuete... E a pavana... Sobre tudo, dançar... Dançar... *(Não podendo contêr-se e atravessando de novo a scena em pulinhos de pavana real)* — *Tra-la-ra... Tra-la-ra...* Eu então, se podésse, estava sempre a dançar...

UM CREADO, *n'uma grande mesura, assomando ao fundo*

Entrou um côche no pateo.

DOROTHÉA

Um côche?

CELIMÉNA, *ao creado*

Veja quem é.

O CREADO, *imperturbavel*

Um fidalgo e um frade.

CELIMÉNA, *a* DOROTHÉA, *que se encaminha para o fundo*

Vê tu, Dorothéa...

DOROTHÉA, *voltando, immediatamente*

O frade é D. Frei André, que foi méstre da menina...

CELIMÉNA

D. Frei André...?—E o fidalgo?

O CREADO

O fidalgo não desceu do côche.

CELIMÉNA, *ao creado*

Pergunte a que veem, e o que quér o D. Frei. *(A Dorothéa)* Traze esse cofre para o meu toucador, Dorothéa.

DOROTHÉA, *com um lindo cofre de prata na mão, sahindo com* CELIMÉNA *pela E. baixa*

É capaz de ser recado do primo marquez. Talvez não venha hoje.

FREI ANDRÉ, *ao creado*

Diga que é D. Frei André, violinista, cantor da capella real e expositor da poetica de Aristoteles, que deseja falar á dueña da menina.

CELIMÉNA, *apparecendo á porta*

D. Frei André...

FREI ANDRÉ

Oh! Celiména...! Como vae a mais preciosa das preciosas? *(Escondendo a mão, que Celiména quér beijar)* Então... Então...

DOROTHÉA, *n'uma mesura*

D. Frei...

FREI ANDRÉ

Minha dona... *(O creado offerece um tamborete ao frade, e sáe)* Eu vinha em demanda do senhor marquez, mas já soube que não tinha ainda chegado do paço...

CELIMÉNA

Não. Ainda não chegou.

DOROTHÉA, *n'um risinho*

D. Frei André veio hoje em côche rico... Gostei de o vêr...

FREI ANDRÉ, *com um grande ar*

É verdade. Desmenti a humildade franciscana. Que diria frei Salizánes, Geral da Ordem! Mas, emfim... Eu sou um frade de côrte... Sou um frade... artista! Deixei os alforges de Philosopho, e gosto de praticar a poetica de Gongora, de bastão d'ouro e capuz de sêda! —Celiména tem lido o seu Platão?

CELIMÉNA, *que trouxe um espelho de mão e uma bocêtasinha d'ouro lavrado, e vae pondo na face pequeninos signaes de tafetá*

Pouco. Muito pouco. Eu podia lêr em latim, na vulgata... Mas só pela difficuldade, estou-o

lendo em grego. — Procurava então meu primo marquez, D. Frei André?

FREI ANDRÉ

É verdade. Quer dizer... Não era propriamente eu que o procurava...

CELIMÉNA

Talvez esse senhor fidalgo que o acompanha, D. Frei...?

FREI ANDRÉ

Esse mesmo, Celiména. — Como soube?

CELIMÉNA

Disse-me Dorothéa.

DOROTHÉA

Fui eu que lhe vi a manga do gibão, na portinha doirada.

FREI ANDRÉ

É um rico fidalgo da Provincia...

CELIMÉNA

Da Provincia?

FREI ANDRÉ

D. Beltrão de Figueirôa. — Soube que eu tinha sido méstre de Celiména na poetica de Aristoteles, e pediu me que o acompanhasse no

côche, para maior honra e recato de sua pessoa. — É um grande fidalgo.

CELIMÉNA, *pondo um signalsinho na face*

D. Beltrão? Não conheço. *(A Dorothéa)* Vê se este signalsinho está bem posto, Dorothéa...

FREI ANDRÉ

Não conhéce? *(A Celiména, olhando o signal)* Talvez um bocadinho mais abaixo... Mais perto da bocca... Dá mais graça...

DOROTHÉA

Frei André tambem entende de signaes?

FREI ANDRÉ

Oh! Eu sou um frade... artista! — Pois admira que o não conheça, Celiména... — Nem de nome?

CELIMÉNA

Nem de nome. *(A Dorothéa)* O diamante da testa. Vae buscar.

FREI ANDRÉ

E entretanto, alcançou de Celiména, por intermédio de seu primo, a honra d'um prommettimento de apresentação...

CELIMÉNA

De apresentação...? Não sei de nada.

FREI ANDRÉ

De nada?—Mas essa apresentação tinha ficado de realisar-se precisamente hoje...

CELIMÉNA

Hoje?

FREI ANDRÉ

A esta hora... Naturalmente seu primo o senhor marquez esqueceu-se, ou o demoram no Paço...

CELIMÉNA

Eu mandava subir o senhor D. Beltrão... Não é a graça d'elle?—Beltrão...

FREI ANDRÉ, *com grande pompa*

De Figueirôa.

CELIMÉNA

Mandava-o subir, com muita honra, se não fosse a etiqueta... Vivo só, com a minha dueña... A etiqueta não consente...

FREI ANDRÉ

Eu apresentava, tambem... Mas a etiqueta...

DOROTHÉA, *que tem voltado já, e prende uma joia nos cabellos de* CELIMÉNA

Está visto... A etiqueta...

CELIMÉNA

Diga-me, D. Frei André... Elle é novo ainda?

FREI ANDRÉ

Vinte e cinco annos.

CELIMÉNA, *em segredo, a* DOROTHÉA

Pergunta a D. Frei, se é bonito...

DOROTHÉA, *indo até junto de* FREI ANDRÉ, *em passinhos dançados, quasi em segredo*

É bonito?

FREI ANDRÉ, *sorrindo, em segredo, a* DOROTHÉA

Diga a Celiména que sim.

DOROTHÉA, *nos mesmos pulinhos, ao ouvido de* CELIMÉNA

É.

CELIMÉNA, *a* DOROTHÉA, *baixo*

Loiro?

DOROTHÉA, *a* FREI ANDRÉ, *em segredo*

Loiro?

FREI ANDRÉ, *ao ouvido de* DOROTHÉA

Muito loiro...

DOROTHÉA, *ao ouvido de* CELIMÉNA

Muito loiro.

FREI ANDRÉ, *alto, a* CELIMÉNA

Já esteve mesmo ao pé de si, Celiména...

CELIMÉNA

Ao pé de mim?

FREI ANDRÉ

Disse-me elle.

CELIMÉNA

Quando?

FREI ANDRÉ

N'uma Egreja.

CELIMÉNA

Sim?

FREI ANDRÉ

Ha tres dias... Nas Commendadeiras de Santos... Na festa de S. Thiago.—Assistiu, não é verdade?

CELIMÉNA

Assisti. *(Querendo afastar Dorothéa, para ella não ouvir)* Léva os polvilhos, Dorothéa. E este lenço de rendas...

FREI ANDRÉ *vendo desapparecer a dueña*

A Egreja toda cheia de luzes... Celiména ajoelhou n'uma almofadinha de damasco ver-

melho... E ao pé de si... Lembra-se? Um rapaz alto, todo de velludo preto, á moda hespanhola, a guedelha muito loira sobre a voltasinha gommada...

CELIMÉNA, *como recordando-se*

Ah!

FREI ANDRÉ

Lembra-se, não é verdade?

CELIMÉNA

Apanhou uma flôr que eu deixei cahir...

FREI ANDRÉ

Justamente... Uma flôr que Celiména deixou cahir...

CELIMÉNA, *muito impressionada*

Ah!—Pois é esse? *(Dando com os olhos em Dorothéa que voltou ha um instante)* Mas veja... O senhor D. Beltrão de Figueirôa déve estar na sua berlinda á espéra, frei André... Não é justo que eu o demóre mais... D. Frei dir-lhe-ha de minha parte que lastimo não o poder receber n'esta hora... Mas que mais logo, quando meu primo o senhor marquez voltar do Paço... Ou ámanhã, no baile da côrte...

FREI ANDRÉ

Elle daria a vida por beijar-lhe a mão, Celi-

ména... Depois, admira o seu talento... Comprehende-a... É poeta...

CELIMÉNA, *encantada*

Poeta?

FREI ANDRÉ

E um hellenista notavel... Talvez ainda leiam juntos o divino Platão... Talvez!

CELIMÉNA, *correspondendo a uma mesura do frade*

D. Frei...

FREI ANDRÉ, *a* DOROTHÉA, *que o acompanha*

Minha dona...

DOROTHÉA, *baixo, a* D. FREI ANDRÉ, *ao sahir*

Então D. Frei André fez-se agora medianeiro d'amores e alcofinha de léva e traz?

FREI ANDRÉ, *sahindo, n'um grande gesto*

Para os amigos! — Eu sou um frade de côrte... Sou um frade... artista!

DOROTHÉA, *vindo até junto de* CELIMÉNA, *que se olha, distrahidamente, no seu espelhinho de mão*

Já sei.

CELIMÉNA

Já sabes o quê?

DOROTHÉA

É o homem da flôr.—Eu logo vi, nas Commendadeiras, que a menina tinha deitado a flôr ao chão, de proposito.

CELIMÉNA, *n'um protesto*

De proposito? Oh! Dorothéa...!

DOROTHÉA

De proposito, sim... E elle, foi como se lhe tivessem tocado... Curvou o joelho, pôz-se em *Gloria Patri*, e apanhou-a logo. Depois, beijou-a, á socapa...

CELIMÉNA, *n'um sorriso alégre*

Viste?

DOROTHÉA

Beijou-a!

CELIMÊNA

E então que tem? É uma delicadeza...

DOROTHÉA

Pobre primo marquez! Elle, que tanto gosta da menina...

CELIMÉNA

Nunca m'o disse.

DOROTHÉA, *duvidando*

Ora! Nunca lh'o disse...!

CELIMÉNA

Nunca. Vem todos os dias visitar-me... Traz-me musicas... Confeitos... Mas não passa d'ahi... Depois, é tão gordo, tão grande, que não é só um primo marquez... São muitos primos marquezes... Muitos! E como a gente não póde casar senão com um... Bem vês... Ao passo que D. Beltrão parece-me tão fino, tão gentil... Muito pallido... Lembra aquelles retratos de Velasquez que nós vimos em Madrid... Não é verdade? De mais a mais, poeta... Sabe grego...

DOROTHÉA, *sentenciosa*

Sabe grego! Ora para que servirá o grego a duas alminhas que se juntam! Para dizer o quê? Sabe grego...! — E o primo marquez sabe musica! E dança na perfeição! Ora ahi está! A menina sempre gostou d'esses babosos que comem pão de ló e cantam glósasinhas pelos conventos... Poetas! Uns atarantados, que até nem sabem pegar n'uma espada!

CELIMÉNA

E ainda bem! Ainda bem que não sabem, que é para eu gostar d'elles! — Detesto espadachins! D'esses que ahi andam de capa e masca-

rilha, em grandes passos, com uma pluma encarnada no chapéo, que até parecem gallos encrespando a crista! Não falam senão em mulatos, em mestres d'armas, em valentões saboyanos... E matam, e férem! Depois, os modos que elles teem... E os géstos... Um torcer de bigode, um menear de espada... Dá-me vontade de lhes dizer, quando os vejo passar na rua: *Donde va D. Ramon de Capichuela, que tiene espada, por que lo maten con ella?*

O CREADO, *assomando, n'uma mesura*

O senhor marquez.

DOROTHÉA, *aos pulinhos, muito alégre, cantarolando as palavras em estylo de pavana*

Ah! É o primo marquez! É o primo marquez!

CELIMÉNA, *baixo, a* DOROTHÉA

Não digas que frei André veio, ouviste?

DOROTHÉA, *curvando-se, n'uma grande reverencia, á entrada do* MARQUEZ

Senhor marquez...

MARQUEZ, *entrando, muito risonho, e pondo o bastão e o chapéo sobre um tamborete*

Dorothéa... Vae depressa... Esqueceram-

me os confeitos na cadeirinha... *(beijando a mão de Celiména graciosamente)* Prima Celiména...

CELIMÉNA

Adeus, primo... Tardou hoje muito, sabe?

MARQUEZ

Pois chegou a sentir a minha falta? Oh! Mas n'esse caso, Celiména, abençôo os minutos que tardei... *(Entregando-lhe um rôlo de papel, atado com uma fita azul)* Aqui estão as musicas. É um tonadilho d'el-rei, que se cantou hoje na capélla real.

CELIMÉNA, *desdobrando, respeitosamente*

Musica d'el-rei...? Oh!

MARQUEZ

É no que el-rei é superior... Na musica sacra.

DOROTHÉA, *entrando, entregando ao* MARQUEZ *um saquinho de sêda, e desapparecendo, a um gésto de* CELIMÉNA

Os confeitos, senhor marquez.

MARQUEZ

De resto, excede-o qualquer tocador de espineta.

CELIMÉNA

Novas da côrte, primo?

MARQUEZ

O mesmo sempre. Sua Magestade teve espirito hoje pelas duas horas e quarenta e sete minutos da tarde. A marqueza de Gouvêa perdeu uma liga na capélla, e a cadellinha da embaixatriz de França, muito constipada, tomou rapé graciosissimamente. São as noticias mais interessantes. *(Entregando-lhe o saquinho de sêda)* Aqui tem os seus confeitos, Celiména. É o pequenino feudo que eu pago á sua crueldade. — Sahiu hoje?

CELIMÉNA, *sentando-se na grande cadeira fradesca, com o saquinho nos joelhos*

Obrigada, primo. — Não. Cheguei a mandar pôr o côche. Havia *Lausperenne* no Carmo. Mas afinal não fui.

MARQUEZ, *de pé, encostado ao espaldar da cadeira*

Eu acompanhei Sua Magestade. Estivémos ao cravo, tocando. E todo o dia pensei em si, prima.

CELIMÉNA

Todo o dia?

MARQUEZ

Tocámos um *Magnificat*... E emquanto as notas do cravo subiam no ar, como um fumo de incenso, muito leve, muito luminoso, era a

sua figurinha que eu via, calçada de prata como uma Assumpção... Erguer-se... Erguer-se... E perder-se no espaço...

CELIMÉNA, *lendo a musica, distrahidamente*

Parece bonito, o tonadilho. *(Estendendo-lhe o saquinho)* Confeitos, primo? *(entoando)—Sol-mi-ré... Ré-sol...*

MARQUEZ

Não é n'esse andamento... *(por detraz da cadeira de Celiména lendo tambem a solfa, e regendo, com o leque fechado da prima, como se fosse uma batuta) Sol-mi-ré... Ré-sol... Sol-la... (continuando a falar, emquanto Celiména entôa, devagarinho)* Mais lento... — Porque cada minuto que se passa sem eu a vêr, Celiména, é um minuto perdido na minha vida... Bem sei que tenho sido um timido... *(emendando) Sol-fa-mi...* — Que ha confissões que devem fazer-se logo que um sentimento nasce... Que o capricho d'uma mulher é breve como o acordar d'uma estrella ou o sonho d'uma rosa... Dura menos do que o tempo em que se diz a palavra — amor... É preciso que eu aproveite o seu capricho... Que deixe a minha timidez, e que lhe confesse, Celiména... Que lhe confesse que a am....

CELIMÉNA, *mettendo-lhe gentilmente um confeito na bocca*

Um confeito, primo...

MARQUEZ, *comendo o confeito*

Obrigado, prima.

CELIMÉNA

Pois é lindo o tonadilho d'el-rei, não é? Primeiro por ser lindo, depois por ser d'el-rei. — Dizem que ámanhã, no baile do Paço, se accendem duas mil vélas de cêra? É verdade, primo?

MARQUEZ

Duas mil... E para mim será um Officio de Trevas se a não vir, Celiména... Porque, positivamente, eu desconheço-me... Sinto que não sou o mesmo... *(tomando-lhe a mão, galantemente)* Quando beijo a sua mão, prima... Esta querida mãosinha, mais delicada ainda do que todos os meus pensamentos, estremeço... Não sei... É que eu estou apaixonado, Celiména... Eu ador....

CELIMÉNA, *mettendo-lhe na bocca outro confeito*

Outro confeito, primo...

MARQUEZ, *querendo protestar, mas resignando-se a comer o confeito*

Mas, prima...

CELIMÉNA

O primo, decididamente, é um timido... Tem amor a alguem, e nunca lh'o chega a dizer...

MARQUEZ, *olhando o saquinho de sêda, n'um sorriso de infinita mágua*

E já vejo que nunca lh'o direi, Celiména... emquanto n'esse saquinho houver confeitos...

DOROTHÉA, *entregando ao marquez um pequenino rôlo de papel*

Uma carta para o senhor marquez.

MARQUEZ, *desenrolando-o*

Permitte-me, prima...?

DOROTHÉA, *baixo, a* CELIMÉNA

Foi D. Frei André que trouxe.

CELIMÉNA

D. Frei André?

MARQUEZ

Quem trouxe esta carta, Dorothéa?

DOROTHÉA

Um frade.

MARQUEZ

Sabes se o frade me viu entrar?

DOROTHÉA

Viu, sim, senhor marquez.

CELIMÉNA, *com um sorrisinho*

Quem lhe escréve, primo?

MARQUEZ

Um fidalgo da Provincia, que está na côrte, e que me péde instantemente para lhe ser apresentado...

CELIMÉNA, *encarando-o, a rir*

Chama-se D. Beltrão de Figueirôa?

MARQUEZ, *desconcertado*

Como sabe, prima?

CELIMÉNA

Já ahi esteve no pateo, n'um rico estufim doirado, com frei André. A apresentação tinha ficado de ser hoje, ha bem trez quartos de hora... Mas como o primo se esqueceu completamente... Foi pouco gentil...

MARQUEZ

A prima não o recebeu...

CELIMÉNA, *gravemente*

Oh, primo! E a etiqueta...?

DOROTHÉA

Esteve ahi no côche... Mas como o senhor marquez não veio...

CELIMÉNA

Agora não ha remédio. Tem de m'o apresentar.

O CREADO, *entrando e curvando-se*

O frade espéra as ordens do senhor marquez.

MARQUEZ, *ao* CREADO

Veio sósinho, ou está algum côche no pateo?

O CREADO

Veio só.

MARQUEZ, *para o* CREADO

Bem. Sua reverencia dirá ao senhor D. Beltrão de Figueirôa, que minha prima o recebe, d'aqui a... *(interrogando Celiména com o olhar)*

CELIMÉNA, *ao primo, sahindo pela esquerda*

Dez minutos. É quanto basta para acabar de pôr as minhas joias.

MARQUEZ, *ao* CREADO, *que se retira*

Dez minutos.

MARQUEZ

Dorothéa...

DOROTHÉA

Senhor marquez. . .

MARQUEZ

Celiména não conhéce ainda o fidalgo? Nunca o viu?

DOROTHÉA

O senhor marquez não diga á menina que eu lhe disse. . .

MARQUEZ, *vivamente*

Viu-o, então?

DOROTHÉA, *mysteriosa*

Uma vez só. Ha quatro dias. N'uma Egreja.

MARQUEZ

E falou-lhe?

DOROTHÉA

Falar não falou. . . Mas quando o viu, deixou cahir uma flôr. . .

MARQUEZ

Ah! Ella deixou cahir uma flôr? Então não ha duvida. . . É porque gosta d'elle!

DOROTHÉA

E o fidalgo apanhou a flôr, e beijou-a. . .

MARQUEZ

Beijou-a? Então não ha duvida... É porque gosta d'ella! E eu vou favorecer ainda esse amor, apresentando-os! Eu, que adoro Celiména!

DOROTHÉA

A menina diz que o senhor marquez nunca lhe disse nada...

MARQUEZ, *ingénuamente*

Podéra...! Sempre que vou a dizer-lhe alguma coisa, tapa-me a bocca com um confeito... Estou mesmo persuadido de que é para isso que me péde confeitos todos os dias!

DOROTHÉA

Eu bem lhe falo no senhor marquez... Mas o outro de mais a mais é poeta... D'esses muito loiros, muito embonecradinhos, que usam golinha de volta e gibão á castelhana... Se elle fosse um espadachim, já a menina não deixava cahir flôres, não... Mas é poeta...

MARQUEZ, *passeando, absorvido*

Podésse eu tornal-o ridiculo e desagradavel aos olhos de Celiména!

DOROTHÉA

Lembra-se o senhor marquez de quando mandava á menina esses livros de cavallarias...? O

D. Quixote, e outros que falam de fanfarrões e de gigantes...? Não se lembra? O que ella se zangava! E o senhor marquez ria... Ria muito...

MARQUEZ

Ella sempre aborreceu os espadachins!

O CREADO, *annunciando*

O senhor D. Beltrão de Figueirôa.

MARQUEZ, *ao ouvir o nome, como quem achou*

Ah! — Tenho a minha idéa!

DOROTHÉA

É elle, já!

MARQUEZ, *baixo, a* DOROTHÉA

Ouve... Vae para junto de Celiména... Entretem-n'a o mais que podéres, que eu preciso falar um instante a sós com o fidalgo...

DOROTHÉA, *desconfiada*

Sim, senhor marquez...

MARQUEZ

E nem uma palavra. Vae, anda.

DOROTHÉA, *sahindo, aos pulinhos*

Que irá elle fazer!

MARQUEZ, *ao creado*

Mande entrar sua excellencia o senhor D. Beltrão de Figueirôa.

D BELTRÃO, *entrando, precedido do creado, que faz uma mesura, e sáe*

Oh! senhor marquez!

MARQUEZ

Senhor D. Beltrão... Eu peço-lhe mil desculpas... Demorei-me um pouco... Estive no Paço, com sua Magestade... Um pequenino concerto...

D. BELTRÃO, *sentando-se, a um gesto do* MARQUEZ

A sua muita gentileza, marquez, é que déve perdoar a minha impertinencia... Eu não sei se o uso das apresentações tem n'esta côrte outro estylo differente... Sou um simples fidalgo da Provincia... Viajei muito, é certo, por Flandres e por Italia, onde é vulgar esta moda entre fidalgos... Mas, com franqueza, não sei se aqui...

MARQUEZ

Oh! Pois não... Absolutamente.

D. BELTRÃO

A primeira vez que vi sua prima foi de lon-

ge, no côche da senhora marqueza de Marialva. Instinctivamente, curvei o joelho, como se qualquer coisa de religioso tivesse passado... Depois, tive a honra de a vêr n'uma Egreja...

MARQUEZ, *sublinhando ironicamente*

Onde Celiména deixou cahir uma flôr, que D. Beltrão levantou...

D. BELTRÃO

Precisamente. *(Notando a ligeira perturbação do Marquez)* Não será do estylo da côrte, levantar uma flôr?

MARQUEZ

Oh! Pois não... Absolutamente.

D. BELTRÃO

Perguntei quem era essa adoravel creatura que os meus olhos tinham visto, e disséram-me ser uma linda preciosa de nome Celiména, orphã, prima do senhor marquez, e muito erudita e versada em lingua grega e latina... Comprehende, marquez, a minha curiosidade... D'ahi, o pedido que tive a honra de lhe fazer e que a sua fidalga gentileza perdoará decerto.

MARQUEZ

Esta visita só poderá honrar, e muito, minha prima. Entretanto, desde já previno D. Beltrão

de que não vae encontrar em Celiména positivamente o que sonha...

D. BELTRÃO

Oh! Não... Eu sei!

MARQUEZ, *extranhando*

Sabe?

D. BELTRÃO

Vou encontrar muito mais do que sonhei... Porque nem todo o meu sonho teria o poder de crear uma tão grande formosura!

MARQUEZ

Não calcula quanto me é doloroso dizer-lhe que vae ter uma desillusão...

D. BELTRÃO

Esperava uma preciosa de Molière... Vou talvez encontrar Santa Cecilia... Alguma dôce creaturinha tocada d'uma graça espiritual... com quem é preciso que sejamos transparentes de subtileza... immateriaes como um perfume... como creaturas suspensas entre o céo e a terra...

MARQUEZ, *imperturbavel*

Engana-se inteiramente. E o que mais me pésa dizer-lhe, é que por essa fórma, e com ta-

manha gentileza e fidalguia de maneiras, D. Beltrão vae desagradar absolutamente a minha prima.

D. BELTRÃO, *cahindo das nuvens*

Como assim?

MARQUEZ

Por mais extranho que se lhe affigure, assim é. Celiména, apesar de linda como uma figurinha de panno de Arrás, e delicada e espiritual na apparencia como um soneto de Voiture, tem uma predilecção absoluta pelas creaturas grosseiras... Sobre tudo, pelos espadachins d'officio...

D. BELTRÃO, *horrorisado*

Celiména?

MARQUEZ

Não póde calcular. É verdadeiramente extraordinario.

D. BELTRÃO

Devéras...? Celiména? Mas D. Frei André, que foi méstre d'ella, affirmou-me...

MARQUEZ

D. Frei André não a conhece bem. Sim... Porque ella póde, na apparencia, affectar umas certas maneiras... Mas no fundo...

D. BELTRÃO

Só fanfarrões...?—E eu, que a sonhava...

MARQUEZ

Tem por conseguinte D. Beltrão dois caminhos a seguir... Ou querer agradar-lhe, ou querer desagradar-lhe. Dirá qual prefére.

D. BELTRÃO

Mas sem duvida... Agradar-lhe! Apesar de tudo.. Agradar-lhe o mais possivel... Porque eu confésso-lhe, marquez, com toda a minha alma... Estou apaixonado por Celiména... Amo-a...

MARQUEZ, *vendo de repente o saquinho de sêda sobre um tamborete, e interrompendo*

Não quererá um confeito, D. Beltrão?

D. BELTRÃO, *servindo-se de confeitos, com certa extranheza*

Muito obrigado.—Será contra o estylo da côrte, confessar-se isto a um primo?

MARQUEZ

Oh! Não... Absolutamente!

D. BELTRÃO

Mas que deverei eu fazer então, para agradar-lhe?

MARQUEZ

É simples. Ella adora os espadachins. Apresente-se D. Beltrão como um espadachim emérito, brigão e desafiador de meio mundo, transforme os seus gestos, as suas maneiras, seja excessivo, castelhano, quasi grosseiro como um fanfarrão de Calderon de La Barca... E vêl-a-ha, immediatamente, rendida e apaixonada a seus pés...

D. BELTRÃO, *contrariado*

Mas para isso ha apenas uma pequenina difficuldade...

MARQUEZ

Não sei qual seja. .

D. BELTRÃO

A minha educação andou sempre tão longe de duéllos e de arruaças... Não é nada o meu feitio... Se fosse preciso, bater-me-hia hoje, ámanhã, mas batia-me serenamente, gentilmente, como quem vae para um baile... Fingir de espadachim é uma coisa difficil... Não sei se saberei...

MARQUEZ, *sorrindo*

Ora! Não ha nada mais facil!

D. BELTRÃO

Eu mesmo não convivo muito com essa gente... Não sei... Não estou habituado...

MARQUEZ

Facilimo. Não tem nada que saber. Um pouco de phantasia... Phrase sonóra, redonda... Gésto em curva, largo, d'um exagero á Cervantes... A cabeça levantada... Olhar desdenhosamente, como um grande de Hespanha olha para um rei... Torcer muito o bigode... *(seguindo os movimentos de D. Beltrão, que vae realisando cada uma das suas indicações)* Isso! Magnifico... A mão na espada. Bater com os pés... Excellente!

D. BELTRÃO, *passeando, n'uma attitude pomposa, d'um lado para o outro*

Deve ser isto, pouco mais ou menos. *(Parando em meio, desconfiado)* Mas eu assim não ficarei muito ridiculo?

MARQUEZ

Oh! Quem pensa n'isso! Ridiculo...? Está soberbo! O que é preciso é não se desmanchar... Quando perder a linha, se me dá licença, eu...

D. BELTRÃO

O marquez toque-me na manga do gibão...

MARQUEZ

Combinado.

DOROTHÉA, *apparecendo á porta*

Senhor marquez...

MARQUEZ, *baixo, a* D. BELTRÃO

Ah! Ahi vem Celiména.

MARQUEZ, *em seguida ás duas mesuras preciosissimas que* CELIMÉNA *e* D. BELTRÃO *trocam de longe*

Prima Celiména... O senhor D. Beltrão de Figueirôa, da melhor nobreza d'estes reinos, em cujo brazão de familia ha as tres faxas de azul contraveiradas d'ouro, illustre duellista e aventureiro, discipulo em esgrima de Pantaleão de Rua e Thomaz Luiz rei d'Armas, homem temido por toda a gente e célebre em Flandres e Italia pelas mortes que tem feito, supplica da sua graça a honra de lhe beijar a mão.

DOROTHÉA, *olhando o* MARQUEZ *e* D. BELTRÃO, *muito espantada*

Ah!

D. BELTRÃO, *beijando a mão de* CELIMÉNA

Minha senhora...

CELIMÉNA

Eu diria que estou sonhando... Pois o senhor D. Beltrão de Figueirôa é... tudo isso que diz meu primo?

D. BELTRÃO, *um pouco desconfiado, olhando o* MARQUEZ

Effectivamente, minha senhora... Tambem me pareceu demais... Um poucochinho demais... Eu estava longe, mesmo, de esperar tanto da graciosidade de sua excellencia o senhor marquez... É o manifesto desejo de me tornar grandioso aos seus olhos, Celiména... Entretanto, devo confessar que d'ali á verdade... *(O Marquez puxa-lhe a manga do gibão)* Quer dizer... Não que a pintura que sua excellencia fez das minhas qualidades não seja quasi verdadeira... *(novo puxão de manga)* Póde mesmo affirmar-se que é verdadeira... *(tomando calor)* Eu não sei, minha senhora, o que se passa em mim n'este momento, mas realmente, depois de ter beijado a sua mão, começo a sentir-me capaz de todos os duéllos, de todas as bravuras e até de todas as mortes que me attribuem, — como se esse beijo mysterioso tivesse accendido um raio de sol na ponta da minha espada!

CELIMÉNA, *n'um tom quasi desdenhoso*

Oh! Mas eu não desejo que faça morte alguma por minha causa...

MARQUEZ

Seria apenas... mais uma! E que importa mais uma ou duas mortes a D. Beltrão de Figueirôa? É uma gotta d'agua no oceano! O rol das suas mortes em duéllo, já sobe a.. ? Cento e quarenta e...?

D. BELTRÃO, *espavorido*

Oh! Marquez! *(a um puxão de manga)* Aproximadamente... Cento e quarenta e... *(suspendendo, afflicto)* O marquez é que sabe! O marquez deve saber muito melhor do que eu!

MARQUEZ

Incalculavel... Verdadeiramente incalculavel! — Uma vez, n'uma ruéla de Toledo, de noite, á luz d'um nicho de azulejos — sabe prima? a mysteriosa Toledo! — bateu-se contra uns poucos de espadachins, e não deixou um só vivo!

D. BELTRÃO, *n'uma grande attitude*

É verdade! Nem um só vivo!

CELIMÉNA

Ah! E não tem remorsos de tão feias acções, senhor D. Beltrão de Figueirôa? Só Deus tem o direito de matar! Eu não desejaria que se abusasse tanto do privilegio de trazer uma espada!

D. BELTRÃO, *ao* MARQUEZ, *extranhando*

Parece que não fez effeito!

MARQUEZ, *baixo*, *a* D. BELTRÃO

Ora se fez! Magnifico!

CELIMÉNA

É uma barbaridade... É mesmo um crime!

D. BELTRÃO, *desconcertado*

Um crime? Mas... Minha senhora... A verdade é que eu não matei pessoa alguma!

CELIMÉNA

Como assim? Não acabou de dizer que tinha morto uns poucos de brigões em Toledo?

D. BELTRÃO, *vivamente instigado pelo* MARQUEZ

Ah, sim! Matei! Matei! Mas... *(tomando uma attitude pomposa)* O medo que lhes causou a minha bravura foi de tal ordem, que para poderem ainda fugir de mim... resuscitaram todos immediatamente!

MARQUEZ, *baixo, a* D. BELTRÃO

Bravo! *(A Celiména)* Ora como a prima vê, o senhor D. Beltrão de Figueirôa tem aventuras devéras extraordinarias!

D. BELTRÃO, *baixo, ao* MARQUEZ

Esta é que me parece que fez effeito!

MARQUEZ, *a* D. BELTRÃO, *radiante*

Oh! Pois não... Absolutamente!

CELIMÉNA

Eu não posso esconder a surpreza que o senhor D. Beltrão de Figueirôa produziu em mim...

D. BELTRÃO, *sem comprehender*

Surpreza?

MARQUEZ, *vivamente*

Oh! Não sei porquê!

CELIMÉNA

D. Frei André tinha-me dito que era poeta... Um delicado...

MARQUEZ, *querendo interromper*

D. Frei André! D. Frei André é um frade philosopho, que não sabe o que diz... Fala, fala, fala, fala... Mette-se na consciencia alheia e nos côches alheios...

D. BELTRÃO, *sem se importar já com os signaes do* MARQUEZ

O douto frade tinha-lhe dito que eu era poeta, Celiména?

MARQUEZ, *atalhando, rapido*

Não é! Está visto que não é!

DOROTHÉA, *sentenciosa*

Pois já se vê que não é...

CELIMÉNA

E entretanto, era poeta que eu o tinha sonhado...

D. BELTRÃO

Não sou...? não sou poeta? — *(perdendo a cabeça)* Mas eu desde já desafio, na presença de Celiména, toda a Academia dos Singulares, todos os poetas, o proprio Gongora...

CELIMÉNA, *aterrorisada*

Para um duéllo?

D. BELTRÃO

Não! Para um concurso! — Não sou poeta? Mas quem póde convencer-me d'isso? Então eu faço ajoelhar corações na minha passagem, eu encho de joias as minhas phrases... como os seus dedos, Celiména... E não sou poeta? Á minha voz o amor germina na terra, e cresce, e rebenta em flôres... Eu ensino a humanidade a amar... E não sou poeta? Então eu sonho, eu rio em cada verso, ponho umas azas d'ouro ao pensamento, sei encurtar n'uma palavra a distancia que nos separa do céo... E não sou poeta?

MARQUEZ, *puxando a manga de* D. BELTRÃO, *desesperadamente*

Mas D. Beltrão, está a perder a linha!

D. BELTRÃO

Eu consinto em ser um fanfarrão para lhe agradar, Celiména... Mas como hei de deixar de ser poeta, emquanto tivér o coração commigo?

MARQUEZ, *transido*

Mas D. Beltrão, que está estragando tudo!

CELIMÉNA, *já quasi encantada*

Não sei que transfiguração se operou em si, senhor D. Beltrão de Figueirôa, que bastaram agora duas palavras suas, para que eu o visse um instante como o sonhei...

D. BELTRÃO

Como me sonhou?

MARQUEZ, *afflictissimo a* D. BELTRÃO

Não se desmanche... Não pérca a linha... Puxe o bigode...!

D. BELTRÃO

Mas, Celiména... *(baixo, ao Marquez)* Não me parece a melhor occasião para puxar o bigode... *(de novo a Celiména)* Se com effeito me sonhou differente do que eu era, eu confés-

so-lhe tambem que a sua paixão pelos espadachins a fez baixar um pouco do alto sonho a que a minha alma a erguêra...

CELIMÉNA, *sem comprehender*

A minha paixão pelos espadachins?

MARQUEZ, *com abatimento*

Bem! Está tudo perdido!

CELIMÉNA

Mas eu nunca tive paixão alguma por semelhante gente!

D. BELTRÃO, *olhando o* MARQUEZ *e* CELIMÉNA

Nunca? — Oh! — Nunca?

CELIMÉNA

Se os aborreço!

D. BELTRÃO

Mas tambem eu! Tambem eu os detesto!

CELIMÉNA, *n'uma alegria infantil*

Devéras...? Então o senhor D. Beltrão de Figueirôa não é um espadachim a valer?

D. BELTRÃO

Nunca o fui, Celiména... Era apenas para lhe agradar...

CELIMÉNA

Mas quem teceu esta pequena intriga? *(vendo o Marquez d'olhos baixos, enleado)* O primo está tão calado...

MARQUEZ

Celiména... Vou confessar o meu delicto e remir a minha culpa... Fui eu que convenci D. Beltrão de Figueirôa da sua falsa paixão por duéllos e bravuras...

CELIMÉNA, *reprehensiva*

Primo! — Oh! Primo!

D. BELTRÃO, *olhando o* MARQUEZ

Oh!

MARQUEZ

Foi um ardil ingénuo... Um ardil com que tentei afastar de si um fidalgo espirituoso e galante, que a ama como eu a amo... (*Celiména faz menção de dar-lhe outro confeito; o Marquez esquiva-se, sorrindo)* Mas o meu castigo não póde ser maior, prima... É orphã... A sua unica familia sou eu... Sou eu, por conseguinte, que vou ter a honra de conceder a sua mão ao illustre fidalgo D. Beltrão de Figueirôa, da melhor nobreza d'estes reinos, em cujo brazão de familia ha as tres faxas d'azul contraveiradas d'ouro, grande erudito e poeta... e que afinal de con-

tas não fez morte alguma por Flandres nem por Italia...

D. BELTRÃO, *radiante, beijando a mão de* CELIMÉNA

Celiména!

CELIMÉNA, *ao* MARQUEZ

Este beijo foi o seu perdão, primo...

MARQUEZ, *a* D. BELTRÃO

E agora, senhor D. Beltrão de Figueirôa, trará todos os dias a minha prima um saquinho de confeitos como este... Mas quando lhe quizer dizer que a ama, tome cuidado, afaste o saquinho para bem longe de Celiména...

CELIMÉNA

Descance, primo... A elle, nunca lhe taparei a bocca...

DOROTHÉA, *toda aos pulinhos*

Diz que não ha boda sem dança... A menina ensinou-me hoje os passos da pavana... Se o senhor marquez quizésse dançar commigo um bocadinho...

D. BELTRÃO

A pavana? Oh! Dançamol-a os quatro! Uma pavana real!

CELIMÉNA

Mas quem ha de tocar?

DOROTHÉA, *pegando n'uma rabéca*

Uma rabéca já aqui está.

MARQUEZ

Falta o rabequista.

D. BELTRÃO

Não falta. Trouxe Frei André commigo.

DOROTHÉA, *chamando, ao fundo*

Frei André! Frei André! — Uma pavana, para a gente dançar!

FREI ANDRÉ, *entrando e pegando na rabéca, emquanto os quatro se dispõem para dançar*

Uma pavana? Pois não! — Sou um frade de côrte! Sou um frade... artista!

Cáe o panno sobre os primeiros passos da pavana real.